

12. Nosso papel na história da redenção - Zé Bruno - Quem é Jesus?

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 09/11/2025 18:17

1. Introdução: O Contexto do Evangelho de João

O Evangelho de João, com seu profundo propósito teológico de revelar a identidade de Jesus, constrói sua narrativa através de uma série de encontros e sinais significativos. Para compreender plenamente a riqueza do testemunho de João Batista no final do capítulo 3, é fundamental revisar os eventos que o precedem, que servem como alicerce para os ensinamentos subsequentes.

No capítulo 2, a narrativa apresenta o primeiro "sinal" de Jesus: a transformação da água em vinho nas bodas de Caná da Galileia. Este milagre não foi apenas uma demonstração de poder, mas um ato simbólico que apontava para a sua missão messiânica. Ao prover um vinho de qualidade superior, Jesus sinalizava a chegada de algo novo e excelente, a inauguração de uma nova aliança que superava os rituais de purificação judaicos, representados pelas talhas de pedra vazias.

Logo em seguida, no início do capítulo 3, o cenário muda para um diálogo noturno e denso com Nicodemos, um mestre da lei em Israel. A conversa introduz um dos conceitos mais cruciais do evangelho: a necessidade de "nascer de novo" para ver o Reino de Deus. A expressão original em grego, *anōthen*, carrega uma rica ambiguidade, podendo significar tanto "de novo" quanto "do alto". Enquanto o fariseu compreende a declaração em seu sentido literal e terreno ("de novo"), a ênfase teológica recai sobre a origem celestial dessa nova vida ("do alto"). Este novo nascimento não é um esforço humano, mas uma obra divina, um renascimento espiritual que vem de Deus.

Com essa base teológica estabelecida — a da transformação messiânica e do nascimento espiritual vindo do céu — o evangelista nos conduz à cena seguinte, onde o testemunho sobre a identidade de Jesus é aprofundado, desta vez, pela voz do próprio João Batista.

2. Ministérios Paralelos e uma Controvérsia (João 3:22-25)

Após o profundo diálogo teológico com Nicodemos, a narrativa se desloca para o interior da Judeia. Ali, Jesus, acompanhado de seus discípulos, inicia um ministério que espelha a atividade que até então era a marca de seu precursor: ele também começa a batizar. Simultaneamente, João Batista continuava seu próprio ministério em Enom, perto de Salim, um local estrategicamente escolhido pela abundância de água, necessária para os batismos em massa que realizava.

O evangelista faz questão de inserir uma nota cronológica crucial: "Pois João ainda não havia sido preso" (João 3:24). Essa observação é fundamental, pois estabelece um período de sobreposição entre os ministérios dos dois, criando o cenário para uma comparação inevitável e, consequentemente, para um conflito.

A tensão latente se manifesta em uma controvérsia específica. O texto relata que "surgiu uma discussão entre os discípulos de João e um judeu a respeito da purificação" (João 3:25). O tema da "purificação" era central para a vida religiosa judaica, envolvendo uma série de rituais para restaurar a pureza cerimonial. O batismo de João era, em si, um rito de purificação ligado ao arrependimento. Com Jesus também batizando, surge uma questão natural e competitiva: qual batismo é mais eficaz? Qual ritual realmente purifica? Essa disputa sobre a validade e a autoridade dos ritos de purificação se torna o estopim que leva os seguidores de João, tomados por uma lealdade zelosa, a procurarem seu mestre com uma preocupação crescente.

3. O Ciúme dos Discípulos e a Resposta de João (João 3:26-28)

Movidos por uma lealdade protetora e uma percepção humana de rivalidade, os discípulos de João

Batista se aproximam de seu mestre com uma queixa que revela sua preocupação. Eles relatam:

“Mestre, aquele que estava com o senhor no outro lado do Jordão, do qual o senhor deu testemunho, está batizando, e todos vão até ele” (João 3:26).

A frase carrega um tom de ciúme e perplexidade. Para eles, o sucesso do ministério de Jesus parecia diminuir a importância do trabalho de João, como se estivessem em uma competição pela atenção do povo.

A resposta de João Batista, no entanto, transcende a lógica da competição terrena e oferece uma lição fundamental sobre propósito e soberania divina. Sua primeira declaração é uma âncora teológica:

“Ninguém pode receber coisa alguma se não lhe for dada do céu” (João 3:27).

Com essa afirmação, João remove qualquer base para a inveja ou o orgulho. Ele entende que tanto o seu ministério quanto o de Jesus não são conquistas humanas, mas atribuições divinas. Cada um recebe do céu a sua medida e a sua função. O sucesso de Jesus não era uma ameaça ao seu, mas a confirmação do plano de Deus se desdobrando.

Em seguida, ele recorda aos seus seguidores a essência de sua própria identidade e missão, algo que ele havia deixado claro desde o início:

“Vocês mesmos são testemunhas de que eu disse: ‘Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como o seu precursor’” (João 3:28).

João não estava surpreso com a ascensão de Jesus; ele a esperava. Seu papel nunca foi o de ser o destino final, mas o de preparar o caminho. Ao ver as multidões se dirigindo a Cristo, ele não via o fracasso de seu ministério, mas o seu exato cumprimento. Sua resposta é um poderoso exemplo de humildade e de uma profunda compreensão de seu lugar na história da redenção.

4. A Alegoria do Noivo: O Papel do Amigo (João 3:29)

Para ilustrar sua posição com clareza inquestionável, João Batista recorre a uma das mais belas e universais alegorias: a de um casamento. Esta metáfora, profundamente enraizada na tradição judaica e que seria amplamente utilizada na teologia cristã, serve para definir perfeitamente os papéis de Jesus e o seu próprio.

Nesta poderosa imagem, os papéis são distintos e carregados de significado:

- **O Noivo:** É Jesus Cristo, a figura central e o protagonista da história da redenção, que veio para se unir ao seu povo.
- **A Noiva:** Representa o povo de Deus, a comunidade de crentes que o Noivo veio buscar.
- **O Amigo do Noivo:** É a posição que João Batista assume para si.

Na cultura da época, o "amigo do noivo" desempenhava uma função de honra e confiança, auxiliando nos preparativos e celebrando a união. Sua maior satisfação não era ser o protagonista, mas garantir que o foco permanecesse no noivo. João Batista ecoa esse sentimento ao declarar:

"O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o escuta se alegra muito por causa da voz do noivo. Pois essa alegria já se cumpriu em mim" (João 3:29).

A alegria de João não provém de sua própria popularidade ou do tamanho de seu ministério, mas de ouvir a "voz do noivo" — ou seja, de testemunhar a presença e a obra crescente de Jesus. Seu contentamento é completo e sua missão se realiza não ao reter seguidores para si, mas ao vê-los se voltando para a figura principal. Essa alegria desinteressada e focada em Cristo é o que permite a João fazer sua declaração mais radical e definitiva, que se tornaria um lema para a humildade cristã ao longo dos séculos.

5. O Ponto Central: "Convém que Ele Cresça e que Eu Diminua" (João 3:30)

Chegamos ao ápice do testemunho de João Batista, uma declaração concisa e de profundidade teológica avassaladora que resume toda a sua vida e ministério: "Convém que ele cresça e que eu diminua". Esta frase não é um lamento, nem um sinal de resignação, mas uma proclamação de propósito cumprido e de alegria genuína.

A expressão "convém" (em grego, *dei*) denota uma necessidade divina, uma inevitabilidade dentro do plano de Deus. Não se trata de uma preferência pessoal de João, mas do reconhecimento da ordem correta e soberana dos eventos da salvação. Era necessário e divinamente ordenado que a era da preparação, representada por João, desse lugar à era da consumação, inaugurada por Cristo.

O "crescer" de Jesus não se refere a um desenvolvimento pessoal, mas à manifestação pública de Sua glória e à centralidade de Sua pessoa e mensagem. A luz do Messias, que antes era anunciada, agora brilhava com intensidade própria, e era natural que todos os olhares se voltassem para Ele.

Em contrapartida, o "diminuir" de João é a aceitação consciente e jubilosa de que sua missão preparatória estava chegando ao seu glorioso fim. Ele era a voz que clamava no deserto, o dedo que apontava para o Cordeiro de Deus. Uma vez que o Cordeiro está presente e sendo reconhecido, a voz pode se silenciar e o dedo pode se recolher. Não há tragédia nisso, mas a realização plena de seu chamado.

Esta frase transcende a figura histórica de João e se torna um princípio fundamental para a vida cristã. O processo de santificação é, em essência, um contínuo diminuir do "eu" — com suas ambições, orgulho e autossuficiência — para que Cristo possa crescer em nós e através de nós. É a reorientação radical do propósito, onde a alegria não é encontrada na autoexaltação, mas na exaltação de Cristo.

6. O Testemunho da Superioridade de Cristo (João 3:31-35)

Após estabelecer seu papel como precursor, João Batista — ou o evangelista, ecoando o mesmo espírito — articula uma das mais claras declarações sobre a natureza e autoridade incomparáveis de Jesus. O argumento é construído sobre um contraste fundamental: a origem celestial de Cristo versus a origem terrena de todos os outros.

A passagem inicia afirmando:

"Quem vem das alturas certamente está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra" (João 3:31).

Esta distinção é absoluta. João Batista, apesar de sua importância profética, se inclui entre os que

são "da terra". Sua perspectiva e mensagem, por mais inspiradas que fossem, estavam limitadas por sua natureza humana. Jesus, ao contrário, "vem das alturas", indicando sua origem divina e, conseqüentemente, sua autoridade suprema sobre toda a criação.

Essa autoridade se baseia em seu testemunho direto e infalível. Ele "dá testemunho daquilo que viu e ouviu" (João 3:32). Diferente dos profetas que recebiam uma revelação parcial, Jesus fala a partir de sua comunhão eterna com o Pai. No entanto, o texto lamenta a incredulidade humana: "mas ninguém aceita o seu testemunho". A aceitação dessa verdade, porém, é um ato de fé que sela a veracidade de Deus: "Quem, porém, aceita o testemunho que ele dá certifica que Deus é verdadeiro" (João 3:33).

A singularidade de Jesus é reforçada pela forma como Ele recebe o Espírito Santo. Enquanto os profetas recebiam o Espírito para missões específicas e de forma limitada, Deus "não dá o Espírito por medida" a Jesus (João 3:34). Nele reside a plenitude do Espírito, pois Ele é o enviado de Deus que fala as próprias palavras de Deus.

Finalmente, a soberania de Cristo é declarada de forma inequívoca, fundamentada na relação de amor dentro da Trindade: "O Pai ama o Filho e entregou todas as coisas nas mãos dele" (João 3:35). Esta não é uma autoridade delegada temporariamente, mas uma soberania inerente à sua identidade como Filho amado, a quem toda a criação está sujeita.

7. A Decisão Final: Vida Eterna ou a Ira de Deus? (João 3:36)

O capítulo 3 do Evangelho de João, que se iniciou com a necessidade do novo nascimento, culmina em uma declaração final que estabelece as conseqüências eternas da resposta humana a Jesus Cristo. Não há meio-termo; a posição de cada indivíduo em relação ao Filho determina seu destino.

O versículo 36 apresenta duas vias claras e opostas: "Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna". A fé em Jesus não é meramente um assentimento intelectual, mas uma confiança ativa e contínua que resulta na posse presente da vida eterna. A vida eterna não é apenas uma promessa futura, mas uma realidade que começa no momento da fé, uma nova qualidade de vida em comunhão com Deus.

Em contraste direto, a segunda parte do versículo adverte: "quem se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". A palavra traduzida como "rebelde" ou "desobediente" (em grego, *apeithōn*) implica uma recusa deliberada e persistente em crer. Não se trata de uma dúvida momentânea, mas de uma postura de rejeição à autoridade e à pessoa de Cristo.

A conseqüência dessa rebeldia não é a criação de uma nova condenação, mas a permanência em um estado já existente. A "ira de Deus" não é um capricho divino, mas a justa e santa oposição de Deus a todo pecado e incredulidade. Para aqueles que rejeitam o Filho, a única provisão para a salvação, essa ira "permanece" sobre eles.

Dessa forma, o testemunho de João Batista e a conclusão do evangelista servem como um chamado urgente e definitivo. A superioridade de Cristo não é um mero tópico de debate teológico, mas a verdade central sobre a qual a eternidade de cada pessoa depende. A resposta a Jesus — seja de fé obediente ou de recusa rebelde — é a decisão mais crucial que qualquer ser humano pode tomar.

BRUNO, Zé. **12 - Nosso papel na história da redenção - Zé Bruno - Quem é Jesus?** . Youtube, A Casa da Rocha, Brasília/DF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2hPSAq8RDU>. Acesso em: 21/07/2025.